

Dívida caso a caso

Humberto Pradera

O presidente Fernando Henrique disse ontem ao **Jornal de Brasília** que vetará o projeto que perdoa 40% da dívida dos agricultores. "Se o Congresso aprovar, terei a terrível incômmodo de vetar", disse o Presidente, informando que o Banco do Brasil está orientado a começar uma negociação caso a caso com produtores rurais endividados. Tudo se fará "separando o joio do trigo" - os que estão realmente em dificuldade para pagar suas dívidas e continuar a produzir daqueles que chamou de "devedores contumazes".

"Não de pode pedir para matar a galinha dos ovos de ouro", disse o presidente Fernando Henrique, observando que o custo do projeto do deputado Ronaldo Caiado (PFL-GO) nos 20 anos é de R\$ 18 bilhões. Comprometer esse volume de recursos significa desviar dinheiro neces-

sário ao financiamento das novas safras. O Presidente disse que o Governo dispõe de levantamento mostrando que 1% dos produtores rurais gerou 80% dessa dívida: "Isso não é a massa dos agricultores que, afinal, acaba prejudicada".

O Presidente demonstrou conhecimento dos problemas dos agricultores, lembrou que há três anos já foi feita uma renegociação de suas dívidas, com alongamento de prazo para pagamento, e que o assunto está, mais uma vez, sendo estudado pelo Governo. "Mas se querem fazer um passeio a Brasília com os seus caminhões, tudo bem; podem vir, serão bem recebidos". Fernando Henrique foi entrevistado na manhã de ontem por repórteres do **Jornal de Brasília**, O Popular, Jornal de Tocantins e TVs Anhanguera, de Goiânia e Tocantins.



"Não posso admitir que se mate a galinha dos ovos de ouro. Não se pode aprovar uma decisão que inviabilize o crédito futuro a toda agricultura"

Presidente, nesse momento está havendo um movimento dos produtores rurais pela renegociação de suas dívidas. Como o Governo vai conduzir essa negociação com os ruralistas e o projeto que concede anistia a essas dívidas, que já está no Congresso?

● Como sempre conduziu, tentando resolver os problemas reais. As reivindicações que havia quais eram? O câmbio e taxas de juros muito altas. O Governo atacou os dois problemas e ofereceu crédito. Os ruralistas não podem deixar de considerar que com a desvalorização do Real houve uma chance melhor para exportação, nem podem deixar de considerar que a taxa de juros vem caindo sistematicamente, sendo que a taxa de juros para a agricultura é quase negativa. A taxa de juros de empréstimos do Banco do Brasil é 8,75% e a taxa de inflação será entre 7% e 8%. E no caso do Pronaf, para os pequenos agricultores, a taxa de juros é negativa. Quer dizer, há subsídios à agricultura.

De um lado há a pressão dos ruralistas, mas há os que dizem que o projeto é inconstitucional porque o Congresso não pode criar despesa...

● É, não pode criar despesa, mas isso é pressão e, ao meu ver, não é necessária. Quando as pessoas fazem uma pressão exagerada, perdem a razão. E essa pressão, se atendida, significa que nenhum agricultor vai obter empréstimo porque o

primeiro lugar, é efetivo que os agricultores, os produtores no Brasil, não sofreram com o Plano Real; eles sofreram com os outros planos, mas os problemas foram se acumulando. Depois do Real, nós já negociamos a dívida dos agricultores. Fizemos uma renegociação da dívida primeiro para aqueles que deviam menos de R\$ 200 mil, depois para os que deviam acima de R\$ 200 mil. Tudo isso foi financiado de novo, foi dado prazo, condições de juros melhores. Então agora qual é a demanda? Que de novo se faça uma renegociação. Se for feito, aprovado o projeto que está no Congresso, quebram os bancos, porque nos 20 anos são R\$ 18 bilhões. Nenhum banco no Brasil agüenta. Então, não se pode pedir para matar a galinha de ouro; não se pode aprovar uma decisão que termine por inviabilizar o crédito futuro a toda a agricultura.

O Governo está atuando para que não passe no Congresso esse projeto?

● Certamente, mas se passar eu vou ter a incômmodo terrível de vetar, sendo que eu acho que os agricultores precisam ser atendidos em alguma coisa. Eu acho que o agricultor prestou um serviço muito grande ao Brasil e ao Real e tem que separar o joio do trigo. Há gente trabalhadora? Há, mas alguns são devedores contumazes! Há os que são.

A tendência seria um

alongamento dessas dívidas?

● Provavelmente uma renegociação - não quero antecipar porque está havendo negociação nesses dias - mas não sei de que maneira poderá ser feita porque já foi alongada. Qual é o problema maior? O problema maior é o seguinte: quando a pessoa está endividada, ela não pode tomar novos empréstimos, então ela não tem capital

para a safra e isso vai criando um problema crescente. Então é uma questão real, o Governo não pode se eximir do assunto. Agora, isso tem que ser discutido numa mesa, com bom sen-

so, separando o joio do trigo. Eu tenho os dados que mostram, por exemplo, que apenas 1% dos devedores deve quase que 80% da dívida. Isso não é a massa dos agricultores, que acaba prejudicada porque alguns grandes devedores se utilizam dessa massa de agricultores como se fosse uma coisa para todos eles. Acho, não obstante, que um governo no Brasil não pode deixar de atender o agricultor e dar consideração a ele e ver qual é o

seu caso. O Banco do Brasil vai ter a minha determinação, já teve, mas vai ser reiterada, de discutir isso com mais compreensão, o problema de cada agricultor. Porque há pessoas honestas, trabalhadoras, que estão sem condições de trabalhar. Agora, fazer uma lei do jeito que inviabiliza tudo não é uma boa tática. Fazer um passeio a Brasília com os caminhões, tudo bem, podem vir, serão bem recebidos. Mas não precisa... Apenas dá uma sensação de que não está havendo nada, quando o Governo já negociou no passado e está sempre disposto a conversar.

Os agricultores falam, também, numa agenda positiva para o futuro, que seria chegar a cem milhões de toneladas de grãos. Como o Governo pode participar dessa agenda positiva?

● Eu conversei com alguns desses líderes, a idéia deles não é contra o Governo, nem contra o crescimento; é resolver a dívida, mas tem outras do passado. Eles não se queixam das condições atuais de financiamento e acho que o comprometimento com o comércio é muito bom. O Brasil tem condições de expandir a área plantada, está melhorando a produtividade, condições de exportação, o ministro Pratini (de Moraes, da Agricultura) está

muito ativo no que diz respeito às exportações, isso vale para pecuária... Nós estamos procurando abrir também novas oportunidades para exportação de frango, exportação de carne, agora mesmo fomos aos Estados Unidos. Quer dizer, o futuro é um futuro cheio de esperanças. O problema é que não podemos deixar que o passado mate o futuro. Eu não posso negar que quem está preocupado com o passado, o futuro fique perturbado. Eu não quero desacreditar o movimento, nem deixar de dizer que existem problemas e o Governo tem que se debruçar sobre esses problemas. Eu disse outro dia a um desses produtores: com que base moral eu vou permitir que você fique sem pagar durante quatro anos e eu reduzir 40% de sua dívida? Eu vou tomar o dinheiro de quem para isso? Há no Brasil uma compreensão equivocada, parece que o Governo tem dinheiro. Não tem, o dinheiro do Governo é imposto. Quando eu dou para alguém, eu tiro de alguém.

CRISTIANA LÔBO
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

■ AMANHÃ, SEGUNDA PARTE DA ENTREVISTA, FERNANDO HENRIQUE FALA SOBRE O PLANO DE DESENVOLVIMENTO E AS REFORMAS